

## Escrileituras do arquivo e a invenção de procedimentos didáticos tradutórios

### Resumo

Este texto é tecido a partir de um cruzamento entre o Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* com o Projeto de Pesquisa *Didática da Tradução, Transcrição do Currículo: escrileituras da diferença*, ambos vinculados ao PPGDEU/CNPq/UFRGS. Esses Projetos afirmam a tradução como recriação do Texto de Partida. Nesta perspectiva, o professor é compreendido como tradutor-autor, pois ao traduzir o texto original infere certo grau de transformação, atribuindo-lhe uma nova vida. Concernente a esta ideia, este texto deseja mostrar as implicações referentes à leitura e à escrita do Arquivo-Roteiro gerado durante a execução do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, e, sobretudo à necessidade de tradução desse Arquivo-Roteiro. Entende o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileituras* não como depositário fechado de documentos, mas, ao contrário, como texto aberto, portanto, profícuo às novas recriações. O procedimento didático tradutório implicado pelas vias da leitura e escrita toma a invenção como processo ativo e necessário à atividade humana. O texto considera que não há criação sem experimentação, assim como não há invenção isenta de processo tradutório de matérias.

**Palavras-chave:** Arquivo. Didática. Invenção. *Escrileituras*.

### Fabiane Olegário

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre/RS – Brasil  
fabijj10@yahoo.com.br

### Sandra Mara Corazza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre/RS – Brasil  
sandracorazza@terra.com.br

### Para citar este artigo:

OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. *Escrileituras do arquivo e a invenção de procedimentos didáticos tradutórios*. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 242-258, set./dez. 2018.

DOI: 10.5965/1984723819412018242

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723819412018242>

## File reading-writing and the invention of didactic translating procedures

### Abstract

This paper has stemmed from the intersection between the Research, Teaching and Extension Project known as *Reading-Writing: a way to read-write in life* and the Research Project called *Didactics of Translation, Transcreation of Curriculum: reading-writings of difference*, both linked to PPGDEU/CNPq/UFRGS. Both Projects regard translation as a recreation of the Source Text. From this perspective, teachers are seen as author-translators, as when they translate the source text they infer a certain degree of transformation by assigning it a new life. Considering this idea, this paper aims to evidence the implications related to the reading and writing of the Script-File produced along the Research, Teaching and Extension Project *Reading-Writing: a way to read-write in life* and, mainly, the need for the translation of this Script-File. The Script-File of the *Reading-Writings* Project is not understood as a closed repository of documents; rather, it is seen as an open text, hence, it is profitable for new recreations. The didactic translating procedure involved by means of reading and writing takes invention as an active process that is necessary to human activity. The paper considers that there is no creation without experimentation, in the same way that there is no invention devoid of the translating process of matters.

**Keywords:** File. Didactics. Invention. *Reading-Writings*.

## Apresentação

Este texto é um desdobramento do Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, ação de política pública de pesquisa nacional do Programa Observatório de Educação (OBEDUC), mediante financiamento do Ministério da Educação na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). O Projeto foi desenvolvido entre 1º de janeiro de 2011 e 31 de dezembro de 2014, envolvendo quatro núcleos relacionados às seguintes Instituições Universitárias: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e UFPel (Universidade Federal de Pelotas), ambas no RS; UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso) no MT; UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) no PR. Participaram deste Projeto, professores e alunos da Educação Básica, estudantes do Ensino Superior, tanto em nível de graduação quanto de Pós-Graduação *latu e stricto sensu*.

Na vigência do Projeto, foi disponibilizado aos participantes o “Roteiro para Inventariar Procedimentos Didáticos de uma Tradução em uma Aula”. Esse roteiro foi permeado de matérias advindas da filosofia, da arte, da ciência e da literatura; ganhou vida por meio do funcionamento de Oficinas ministradas pelos participantes, o que permitiu, de certo modo, a recriação destas matérias. O ministrante da Oficina era convidado a responder ao Roteiro; nele havia cinco questões relacionadas à proposta desenvolvida na Oficina, quais sejam: 1) Indique o pensamento de partida, o que foi traduzido; 2) Descreva a imagem dogmática do pensamento da onde você partiu; 3) Descreva o método de invenção, criado ou usado por você, que colocou um problema, ou um campo problemático; 4) Mostre como as suas traduções fizeram a reversão da imagem dogmática do pensamento de partida; 5) Escreva como você traduziu e criou outro plano de imanência ou uma nova imagem do pensamento<sup>1</sup>. As questões do Roteiro estão baseadas na obra *Diferença e Repetição* (1988), especialmente no capítulo III, A Imagem do Pensamento, de Gilles Deleuze. Ao todo, o Núcleo UFRGS, como sede do Projeto *Escrileituras*, recebeu 24 Roteiros, oriundos de todos os Núcleos participantes.

---

<sup>1</sup> Este roteiro foi criado pela professora pesquisadora Sandra Mara Corazza no Projeto de Pesquisa: *Didática da Tradução, Transcrições do Currículo: Escrileituras da Diferença* referente ao Estágio Pós-Doutoral Sênior-USP, realizado em 2015, sob a supervisão do professor pesquisador Julio Groppa Aquino. E, por conseguinte, foi disponibilizado durante a execução do Projeto *Escrileituras*.

Por conseguinte, estes roteiros, passaram a integrar um dos Arquivos do Projeto *Escreleituras*.

Os atos de tradução didática, formulação curricular e experimentação docente, tais como foram desenvolvidos pelos participantes do Projeto *Escreleituras*, funcionam na medida em que se atualizam no Projeto de Pesquisa *Didática da Tradução, Transcrição do Currículo: Escreleituras da Diferença* (2015), desenvolvido por meio da bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Técnico Científico e Tecnológico (CNPq) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), visto que a empiria da Pesquisa vigente é realizada no terreno do Projeto *Escreleituras*. É válido perceber que os processos de atualização operam em prol de um currículo e de uma didática da diferença tributários das teorias da tradução-invenção poética e literária; das formulações curriculares e didáticas contemporâneas; bem como dos processos de reescrita de EIS AICE – Espaços, Imagens, Signos de Autor, Infantil, Currículo, Educador (CORAZZA, 2015a).

A tradução decorrente da leitura e a escrita não pretende invalidar o texto de partida, mas, ao contrário, fazê-lo outro, por meio do processo contínuo de variações que subsistem lado a lado. Neste sentido, compreendemos que o antigo é revivificado, na medida em que constitui o novo; a tradição e a tradução. Entre suposições e suspeitas fortificam-se as incertezas, pois se desconhece o grau intensivo tradutório que se desprenderá durante a leitura e escrita. E, desse mistério pungido pelo desejo de ler e de escrever, pode verter o Texto de Partida em Textos de Chegada, ou então, desviar-se do desejo e apenas inverter o que está dado e criar séries opositoras e, por conseguinte, colher apenas as letras mortas.

Dito isso, somente uma certeza interrompe o ciclo de suspeitas, o desejo de ler-e-escrever nada tem de relação com o modelo de representação, ele não decalca o original, porque a natureza do desejo é revolucionária (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Aqui, o desejo não se conecta à falta; entretanto, ele funciona através de agenciamentos coletivos relativos às formas de expressão e de conteúdo, formas que interferem uma na outra, provocando variações e combinações incessantes.

A palavra-valise *Escreleituras* vai além do título dado ao Projeto de Pesquisa, Ensino e Extensão. À primeira vista, trata-se apenas da junção dos atos de escrever e ler; como que uma prática envolvendo a leitura e a escrita. Seguindo um pouco mais,

percebemos as ramificações e a implicação ética, política e estética entre o escritor, leitor e escritura. Considerando os estudos de Barthes (2005) acerca da leitura e da escrita, podemos pensar num movimento de troca recíproca entre uma e outra, e, sobretudo, na aproximação da criação com a procriação. Trata-se de um movimento/fluxo que tem sentido apenas em relação ao original, que concentra as suas forças no desejo contínuo de ser novamente reinventado; posto em variação em favor da sua recriação.

É a favor desse fluxo que tomamos o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escreleituras* como ponto de partida e com ele executamos uma espécie de “recriação fantasística e imaginativa, por meio de escreleituras [...] num processamento singular de interpretações” (CORAZZA, 2012, p.185), atribuindo-lhe novos limites, “os quais são sempre inventados. E uma invenção entende-se como uma inovação – mesmo que tênue – acrescida a uma invenção anterior” (ADÓ, 2013, p. 52). Tal fluxo versa sobre a invenção de procedimentos didáticos tradutórios, por meio da leitura e da escrita de Textos de Partida, prática afirmadora de vida, que compreende o professor como um tradutor-autor.

### Professor tradutor-autor

O que todo mundo sabe é que professores executam a atividade docente quando transmitem o conteúdo didático. Esta pode ser considerada uma afirmação recorrente pelo senso comum, e, por isso, interessa-nos traçar um desvio, operar um corte, forçar um deslocamento, não no sentido de apenas inverter o que foi dito, mas que possamos tomá-la como uma atividade “que prima pelo lançar dos dados ou o lançar-se aos dados” (OLIVEIRA, 2014, p. 39).

Tal atividade de suspeição versa sobre uma didática “intrinsecamente operatória” (OLIVEIRA, 2014, p. 37). Na medida em que lançamos os dados e nos lançamos juntos; gesto visceral que apostará no acaso e na força do imprevisível, afirmará a combinação dos dados, e os tomará como uma necessidade. Nesse jogo, o inesperado revela que não há como antever a face final dos dados, já a necessidade diz respeito ao próprio acaso. Mas quais as relações que podemos estabelecer entre o lance de dados e o que todo mundo sabe?

Ademais, precisamos reforçar aquilo que primeiramente destacamos como senso comum à profissão docente; os educadores são comprometidos com o campo teórico-prático de uma atuação específica que, por sua vez, lhes confere a tarefa de ensinar. Em meio a essa função, geralmente ao educador é atribuído o papel de transmissor do texto original. Talvez por acreditar que é apenas um transmissor, acaba abdicando de seu trabalho autoral.

Retomando a questão exposta acima, defendemos primeiramente que todo o professor é tradutor e autor das matérias com as quais lida, porque, na medida em que lê o texto de partida, ele o traduz e o vivifica ao reescrevê-lo. Nessa direção, as combinações que resultam dos agenciamentos criados em meio às matérias do Texto de Partida correspondem ao lance de dados, os quais o professor tradutor, por conta da necessidade de criar, os afirma nos Textos de Chegada.

A necessidade do professor tradutor-autor é atinente ao ato de criar, o qual opera uma didática de cunho iminentemente tradutória, e, por tal motivo, sempre aberta, seletiva e rigorosa com a extração das matérias. Tal necessidade indica a prática de apropriar-se das forças criadoras que essas matérias carregam, que advindas de campos distintos, se disponibilizam à recriação.

Para tal vigor recriador, entendemos que cabe ao professor tradutor-autor o uso de um objeto cortante capaz de deixar passar pequenos feixes do caos, os quais lhe possibilitam arrancar as matérias informes. São essas captações do caótico geradoras dos processos criadores que permanecem infinitos. É inevitável que, em meio ao processo criador, tenha-se a necessidade de um pouco de ordem que nos proteja do caos (DELEUZE; GUATTARI, 1992), pois nesse campo de forças, a luta constante é imprecisa, nos permite criar, o que não exclui a linha de morte; portanto, que a prática mais adequada em todo o percurso de experimentação seja a prudência.

Corazza (2014) compreende o professor tradutor como um escrileitor (escritor e leitor), que recria as matérias científicas, filosóficas e artísticas, reconhecendo a sua própria produção. Nesse sentido, a nossa proposta se dá na aposta de que a atividade de um professor tradutor-autor seja “radicalmente marcada por procedimentos de invenção” (OLIVEIRA, 2014, p. 70). Tais procedimentos versam sobre a necessidade de

experimentação que, por sua vez, recusa a educação como atividade transmissora do conhecimento, para se afirmar como potência.

Suspeitamos desde o início de que algo se passa entre a atividade docente e a tradução, pois o professor tradutor-autor não se contenta com repetições empobrecedoras e, tampouco, é capaz de transmitir o original de forma literal. Defendemos que o professor tradutor-autor assume e encarna a invenção como inerente à atividade docente, porque criar “é o ato intelectual verdadeiro, a única ação inteligente, porque só a invenção prova que se pensa, seja qual for essa coisa” (SERRES, 1993, p. 118-119).

Tal assertiva indica-nos que viver é concernente a processos de criação constantes, sendo imanente a esses processos a repetição do não idêntico. Trata-se de processos conduzidos pelos fluxos. Daí o interesse nos fluxos quando “descodificados”, porque possibilitam que “algo escape à codificação” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 204). E o que escapa, efetivamente, tensiona e desestabiliza o pensamento dogmático constituído pelas formas-verdades, que vivem encharcadas por clichês e senso comum. Ao revolver o que “todo mundo sabe”, há chances de que algo aconteça, uma faísca, um sopro, os quais extrapolam a representação.

Todavia, o professor tradutor-autor não se desvincula dos fluxos e, por conseguinte, da criação, pois os fluxos correm para o desejo e este, por sua vez, constrói os agenciamentos. É por tal razão que o professor tradutor-autor implicado na corrente de fluxos usurpa do texto original o que lhe interessa para produzir Textos de Chegada; dobrados e desdobrados, engendram as práticas tradutórias que lhes possibilita experimentar uma realidade em constante transformação, da qual não teme o imprevisível, pois reconhece o quanto as imprevisibilidades podem abarcar potências intensivas e possibilidades outras. Este gesto criacionista do professor tradutor-autor revitaliza atitudes investigadoras, o que torna possível a tessitura do pensamento que difere de si mesmo, porque está sempre disposto a novos cortes no caos. Um pensar que resiste a práticas dominantes que envolvem o uno, o senso comum e o clichê, que requer a construção de trincheiras onde ocorrerão novas batalhas contra tudo aquilo que impede o pensamento de pensar.

## Vida docente e tradução

Paz (2009) afirma que aprender a falar é aprender a traduzir, o que, de certo modo, nos permite pensar que traduzir é o nosso destino enquanto humanos. Não há vida sem tradução, quando se toma o sentido de uma atividade recodificadora do fluxo sógnico com o compromisso de transfigurar o original cada vez que se põe em trânsito entre tradição e a tradução. É como se o texto original, sem aviso prévio, fosse atacado por uma lufada, vinda de um golpe de vento, o qual revivifica a sua potência, produzindo bifurcações em caminhos supostamente lineares.

Compreendemos a docência tecida por processos tradutórios – não somente a docência, mas a vida se dá em meio às traduções porque defendemos que o professor tradutor-autor se apropria do texto original para investir em novas criações, o que implica empenhar uma verdadeira “transgressão”, viabilizando o “estranhamento” e a “irrupção da diferença do mesmo” (CAMPOS, 2013, p. 168).

Se levarmos a sério que a tradução é um ato recriador do texto original, pode-se afirmar igualmente que traduzir não pressupõe uma leitura passiva, tampouco revela uma recepção apaziguadora em relação às matérias com as quais entramos em contato. Uma leitura comprometida com a crítica, contrária ao servilismo, não dará nenhum sinal de transmissão exata do original, no sentido de transpor o seu sentido literal, porque assume a tradução como uma atividade criadora, que por meio de interpretações e repetições do original sempre acaba recriando o Texto de Partida.

Logo, esse modo de leitura é o primeiro movimento tradutório, pois a leitura é praticada “como uma produção simbiótica de novos textos, como intertextualidade e palimpsesto” (CAMPOS, 2004, p. 18). Admitimos, com Adó (2013, p. 97), que “uma leitura jamais é a mesma leitura mesmo quando as palavras lidas coincidem palavra por palavra, linha por linha com a leitura anterior”. Isso quer dizer que decodificar o código linguístico jamais soará com a mesma intensidade e sonoridade, porque ler, assim como o escrever – se concretiza num campo de forças e de formas, onde o pensamento é violentado, acometido pelas forças e interpelado pelos saberes. Nessa mobilização, construímos e desconstruímos ininterruptamente as possíveis interpretações, que atentamente driblam a vontade de verdade, a fim de falar em nome próprio ao tomar a voz do outro. Tal

questão nos incita a afirmar que não há processo de criação que não esteja calcado na tradição, ou seja, “a criação não é o começo, mas o recomeço” (DELEUZE, 2006, p. 21). Além disso, há de se levar em conta a semiótica da recepção tradutória, porque o receptor – leitor e escritor – na medida em que traduz, intervém no texto, provocando alguma variação, por menor que ela seja.

Concordamos que, entre o texto de partida e o texto de chegada, algo acontece, marcando um trânsito, dotado de percursos, linhas sinuosas, velocidades, lentidões, constituindo “regiões de intensidades contínuas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 23) que se entrecruzam e se entrelaçam, proporcionando a sobrevivência do original a fim de que vivam mais tempo. Embora haja no pensamento intensas zonas obscuras, pululam as seguintes questões: O que aconteceu? O que se passou entre o original e a sua recriação?

O Texto de Partida, ao ser tomado pelo professor autor-tradutor, transita em um campo cambiante e provisório. Tendo vida própria, o Texto de Partida geralmente acredita que é verdadeiramente original. Vemos, aos poucos, essa crença se dissipar pelo simples fato de que precisa continuar a existir, isto é, a sua existência depende de processos tradutórios, os quais reeditam “as suas potências – não como monumentos gloriosos, mas como coisas criadas” (CORAZZA, 2015b, p. 114).

### O arquivo-roteiro do *Escrileituras*

A palavra Arquivo, derivada do Latim “*Archivum*”, corresponde ao lugar onde se guardam documentos. Os Arquivos existem desde o advento da escrita, embora se saiba que na pré-história já se tinha a presença de Arquivos na escrita cuneiforme. Para além da raiz etimológica que constitui o seu significado, há distintas acepções advindas de áreas diversas, as quais imprimem determinadas funções e formas de tratamento ao Arquivo, ora pautadas pela técnica cientificista, ora conduzidas pelo pensamento filosófico. De modo simplicista e corriqueiro, o Arquivo pode ser compreendido como um local de armazenamento de documentos fotografias, cartas, registros oficiais – cujo objetivo é conservar uma memória passada, e que pode, no presente, ser acessada pelos sujeitos. Numa visão funcional, para mantê-lo intacto foi necessário o desenvolvimento de

determinadas técnicas de armazenamento, cujo objetivo consistiu na preservação do conteúdo arquivado.

Se insistirmos em tomar o Arquivo na contramão do que foi exposto acima, é porque consideramos o Arquivo como texto sempre aberto e disposto às novas inscrições. E a partir desta imagem, queremos suspender a verdade dogmática do Arquivo como um lugar de armazenamento e de preservação intacta do passado. Essa interrupção viabiliza a invenção, porque oferece a chance de torná-lo outro por meio da tradução. Trata-se de uma atividade que não anula o seu conteúdo, mas que, ao contrário, nos permite intensificarmos o nosso desejo de fazer emergir algo ainda inexistente.

Nesta perspectiva, reiteramos que o Arquivo-Roteiro do *Escrileituras* não faz referência a um depósito de memória, cuja funcionalidade é meramente técnica, que visa reunir um conjunto de letras-mortas. Entretanto, defendemos a vitalidade desse Arquivo via leitura e escrita. Em verdade, trata-se de repetir o “irrecomeçável” (DELEUZE, 1988, p. 22), pois não há Arquivo que não dependa de uma técnica de repetição. Portanto, afirmamos que todo o Arquivo tem como procedência a invenção, o que consiste em “reproduzir, cada vez em sua unicidade original, pois um arquivo deve ser idiomático, e ao mesmo tempo, ofertada e furtada à tradução, aberta” (DERRIDA, 2001, p. 118).

Contudo, há fortes indícios de que o Arquivo não exista enquanto Arquivo-morto, geralmente nomeado como Arquivo-passivo. Esses indicadores aumentam a suspeita de que o Arquivo tem vida própria. A noção de Arquivo em Derrida (2001) não é reduzida à experiência de uma memória, ou então ao retorno a uma origem. Há no Arquivo certa técnica da repetição em que se agrupam dados e elementos, embora nada disso fosse possível “sem uma certa exterioridade”. Isso significa dizer que “não há arquivo sem exterior” (DERRIDA, 2001, p. 22), ou seja, não há Arquivo que não se exponha às forças criadoras do caos e que também não possa ser traduzido e recriado.

Suspensa a imagem do Arquivo como um bloco de registro documental fixado e demarcado em um espaço, o qual tem como referência uma determinada temporalidade passada, é possível repeti-lo. A repetição é compreendida por Deleuze (1988, p. 25) como uma “potência singular que difere por natureza da generalidade”. Logo, teríamos, portanto, um arquivo aberto às forças e aos fluxos da invenção.

Nessa direção, o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escreleituras* é inacabado e, por isso, encontra-se sempre aberto a novas interpretações. De natureza inconclusiva, o Arquivo constitui-se em meio às repetições, visto que é a diferença que se repete. É com esse sentido que “a diferença não para de *revenir*” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 110) e o Arquivo, por sua vez, acolhe o processo permanente de repetição da sua diferença, sendo novamente atualizado, concede a possibilidade de que novas traduções sejam feitas.

No entanto, afirmamos que o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escreleituras*, composto por vinte e quatro (24) “Roteiros para Inventariar Procedimentos Didáticos de uma Tradução em uma Aula”, tem como procedência a invenção. E isso nos autoriza a traduzi-lo por meio da leitura e da escrita. Trata-se de produzir novas variações, agenciamentos com as matérias que o compõem, fabulando novamente a sua recriação.

### Repetição do roteiro

É necessário repetir o “Roteiro para Inventariar Procedimentos Didáticos de uma Tradução em uma Aula” para que a potência da diferença possa revir em suas diferenciações e em cada uma das suas diferenças.

Essas repetições potencializam as questões e produzem novos problemas, quais sejam: O que se passou entre um encontro e outro, entre uma oficina e outra; entre uma distração e outra? O que aconteceu? Foi possível a invenção de novos problemas? Que ideias surgiram com a emergência de novas questões? Em que grau de afecção e de inventividade os participantes reverteram a imagem dogmática e o bom senso cunhados pela vontade de verdade? Com efeito, jamais teremos e tampouco queremos respostas exatas, reveladoras da verdadeira realidade, pois consideramos que buscar pela solução é ignorar a potência inventiva do pensamento que pensa ao ser coagido, violentado porque é arrombado pelos signos. No entanto, tudo está por fazer.

O encontro entre o que se passou é atualizado, reinventado e traduzido, sendo que não há outra saída, porque, o encontro jamais, poderá existir como *a priori*, ou seja, o que se passou nunca está esperando por nós e, portanto, exige que o inventemos. Nessa direção, o Texto de Chegada se estabelece em meio às novas relações agenciadas entre a forma de conteúdo e de expressão, visto que a expressão “devém um sistema semiótico,

um regime de signos e o conteúdo, um sistema pragmático, ações e paixões” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b p. 233), e, no entanto, não mais descreve, não mais representa. Desse modo, o Texto de Chegada não cessa de criar novos agenciamentos das matérias que captura do Arquivo. Trata-se de arranjos-rearranjos, montagem-desmontagem dessas matérias, o que permite repetir a diferença, e, sobretudo, explica a prática tradutória que procede arrastando as matérias a contínuos agenciamentos, pois em “cada agenciamento é preciso encontrar o conteúdo e a expressão, avaliar sua dimensão real, sua pressuposição recíproca, suas inserções, fragmentos por fragmentos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 232).

A repetição do Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileituras* reivindica pontas de desterritorialização. Tudo isso acontece porque o agenciamento é inicialmente territorial, e o território é criador de novas combinações (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). Esses novos arranjos são prolongados pelas linhas de desterritorialização, em que as matérias ainda não estão formadas, pois não apresentam mais a expressão e o conteúdo de modo distinto (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). Portanto, a prática de ler e de escrever o arquivo exigirá a invenção de novos territórios, porque importa ao território criar novos agenciamentos compreendidos como “traços extraídos do fluxo [...] um agenciamento é uma verdadeira invenção” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 94). As matérias-fluxos agenciadas são efetivamente nômades desterritorializadas que só podem ser seguidas quando forem traduzidas.

Em verdade, o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileituras* abarca o paradoxo de conservar a sua tradição e, concomitante, abrir-se a novas traduções. Nessa direção, nada nos resta a não ser “dirigir-se a ele com um desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico” (DERRIDA, 2001, p. 118).

### O plano procedimental inventado

O professor tradutor-autor insiste que é preciso investir em um plano que deseja efetivamente “salvar algo que está morrendo” e “para salvá-lo é preciso matá-lo antes, ou pelo menos, fazer-lhe uma tal transfusão de sangue” (CORTÁZAR, 2013 p. 505). Trata-se de um plano que, ao traduzir as matérias do Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileituras*, as

inventa. Na medida em que o professor tradutor-autor as devora, recria e cria novos agenciamentos, por isso, primeiramente, sabe que é preciso sugar a força contida em cada matéria, esgarçá-la ao máximo até chegar a um ponto que não a reconhece mais. E nessa zona antropofágica, acaba balbuciando, visto que o ato de devorar não é representacional, porque apropriar-se das matérias-fluxos é sempre ter que inventá-las novamente, uma ação eminentemente estética e ética e, portanto, tradutória.

No plano, o professor tradutor-autor reúne o que lhe interessa. E o que lhe interessa é inventar novos procedimentos didáticos tradutórios a partir da leitura e da escrita do Texto de Partida, sendo este o objetivo do Plano. Para o professor tradutor-autor, o novo não diz respeito à novidade, já que “o que se estabelece no novo não é precisamente o novo, pois o próprio do novo [...] é a diferença” (DELEUZE, 1988, p. 213). Construir procedimentos didáticos tradutórios exige, antes de qualquer coisa, operar via processos tradutórios antropofágicos, no sentido de “se apropriar de uma inovação anterior ou ainda, futura” (ADÓ, 2013, p. 61).

O professor tradutor-autor propõe-se a criar o plano via operação dos métodos que primam pela invenção. Métodos que versam sobre a necessidade de transubstanciação. Logo, a criação está diretamente relacionada à capacidade de extrair das matérias algo de estrangeiro que possa interessar ao funcionamento do plano, tendo como princípio não negar aquilo que já foi feito, mas, sobretudo, revigorar o existente, tornando-o ainda mais vivo.

O plano procedimental inventado pelo professor tradutor-autor atinente aos processos de montagem/desmontagem, visa extrair do campo da filosofia, da ciência, da literatura e das artes, elementos capazes de novos agenciamentos, a fim de pô-los em variação constante. Para isso, sabe que é preciso desdobrá-los, fazê-los ranger, levá-los ao fracasso, para que realmente vivam a intensa experiência da desterritorialização.

É certo que “o procedimento expressa uma nova forma que deve inventar alguma coisa para permanecer sendo nova” (FEIL, 2009, p. 36). Nessa perspectiva, só tem validade se o procedimento for inventariado. A dimensão criadora do procedimento consiste em mostrar o modo como se está traduzindo o existente.

A invenção desestabiliza o próprio plano, uma vez que trata de recriar novas formas de existência, ainda que esses modos sejam apenas “rastros de intensa obscuridade” (OLIVEIRA, 2014, p. 33). A montagem/desmontagem de um procedimento inventado antropofágico demanda “um pensamento que estaria por ele mesmo obscuro” (DELEUZE, 2006, p. 125).

Para traduzir o Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileitura*, recorre-se à construção de um plano baseado em métodos que primam pela invenção. Nesse sentido, o procedimento é baseado na ideia de Inventário que reinscreve a sua existência por meio das traduções provenientes do texto original, engendrando novos textos ao tomar a ficção como cerne do processo tradutório. Contudo, “escritura ficcional não é menos verdadeira do que aquela que vive para a verdade, ou: aquela que vive para a verdade não é menos mentirosa do que a ficcional” (FEIL, 2010, p. 82). A verdade, nesse caso, “não se dá, se trai” (DELEUZE, 2010, p. 89).

O plano inventado concebe a sua existência sempre de modo fragmentário, potente, aberto, destemido aos supostos fracassos. Tal plano se inscreve no campo da experiência, apenas quando for capturado pelos fluxos criadores. E, nesse campo, não pode ser identificado, classificado, categorizado, representado: apenas inventariado, “num contínuo e incessante desdobramento da diferença” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 51).

### Considerações finais

O que verdadeiramente interessa à invenção de novos procedimentos didáticos tradutórios é estar sempre voltada aos processos tradutórios, os quais visam reimaginar/recriar matérias supostamente originais. Essas matérias são advindas de campos distintos como da filosofia, da arte e da ciência. A tradução dessas matérias ocorre quando o professor tradutor-autor trai o Texto de Partida, pois sabe o quanto é inverossímil ler e escrever sem infringir o original. É, neste sentido, que autoriza o Texto de Chegada a transformação das matérias originais, sem destruí-las.

Numa atitude usurpadora, os procedimentos inventariados “mantêm encontros, mesmo que fugidios, com os de partida; sem, no entanto, perder o parentesco, a

proximidade, a vizinhança entre as línguas” (CORAZZA, 2015b, p. 109). Nesse sentido, os procedimentos são sempre da ordem da invenção, pois recusam a essência que supostamente elevaria o original ao status de verdade, o qual “se refere a um sistema de interpretação pronto” (CORAZZA, 2012, p. 186).

Na contramão das certezas fáceis, a tradução do Arquivo-Roteiro do Projeto *Escrileituras* desencoraja qualquer tentativa de repetição do mesmo, porque, acima de tudo, a repetição aposta na diferença. Aqui, o professor autor-tradutor apenas deseja “saber quais as composições podem ser feitas e se elas são boas e más do ponto de vista da potência de agir” (CORAZZA; TADEU, 2003, p. 70).

## Referências

ADÓ, Máximo Daniel L. **Educação Potencial**: autocomédia do intelecto. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2013.

BARTHES, Roland. **A Preparação do Romance II**: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France 1979-1980. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Haroldo. **Qohélet** = O-que-sabe: Eclesiastes: poema sapiencial. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. **Haroldo de Campos – Transcrição**. Org. Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. **Projeto Escrita**: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. Projeto de Pesquisa/Plano de Trabalho. Porto Alegre: CAPES/OBEDUC, 2010. (Texto digitalizado).

CORAZZA, Sandra Mara. Posfácio: enfim, uma didatradução: Livro-Lugar. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Caderno de Notas 3**: Didaticário de Criação: aula cheia. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da Tradução. Observatório da Educação/CAPES/INEP. In: CORAZZA, Sandra Mara. MATOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina (Orgs.). **Caderno de Notas 6**: Experimentações de escrita, leitura e imagem na escola. Porto Alegre: UFRGS, Doisa 2014.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da Tradução, Transcrição do Currículo: Escrita da Diferença. 2015a. 41p. **Projeto de Pesquisa** (Produtividade), apresentado ao CNPq em janeiro de 2015. (Texto digitalizado).

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo (uma escrita da diferença). **Pro-posições**. v. 16, n. 1 (76). p. 105- 122. jan./abr., 2015b.

CORTÁZAR, Júlio. **O jogo da amarelinha**. Trad. Fernando de Castro Ferro. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. de Luiz Benedicto Lacerda Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta e outros textos**. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Trad. de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti Édipo**. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3 Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5 Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2001.

FEIL, Gabriel Sausen. **Procedimento Erótico, na Formação, Ensino, Currículo**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2009.

FEIL, Gabriel Sausen. O simulacro - de A a Z. In: CORAZZA, Sandra Mara. **Fantasias de escritura**: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. **Método da Dramatização da aula**: O que é a pedagogia, a didática e o currículo? 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2014.

PAZ, Octavio. **Tradução, Literatura e Literalidade**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2009.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça**. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

ZOURABICHVILLI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. Trad. Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2016.

Recebido em: 23/12/2016  
Aprovado em: 20/03/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 19 - Número 41 - Ano 2018  
revistalinhas@gmail.com